

# Sociedade e Comunidade

## Aula 1

Sociedade e Modernidade

Prof. Me. Peterson Beraldo

# Além da Modernidade

O período que se seguiu ao fim da **Segunda Guerra Mundial** foi palco de mudanças rápidas e profundas de inúmeras características nas nossas relações sociais, instituições dos Estados, construções culturais e várias outras configurações do mundo social que se construiu durante o período que se denominou de “**moderno**”.

Para alguns estudiosos das disciplinas que se dedicam ao estudo desses fenômenos, essas mudanças foram tão significativas que eles acreditam que é preciso falar agora da **superação** ou do **fim do período moderno, ou da pós-modernidade**, por assim dizer.

Essa transição teria ocorrido em função da quebra de certos paradigmas que seriam pilares de sustentação da Modernidade de um ponto de vista sócio-histórico.

Esses pilares seriam as narrativas e ideologias fundadoras de explicações sobre o mundo social moderno que fundamentavam ações e perspectivas que agora já não mais se sustentam.

# Zygmunt Bauman e a Modernidade Tardia

Sua obra trata de uma série de mudanças que se estabeleceu nas últimas décadas e que exerceu, e ainda exerce, grande influência sobre o mundo social contemporâneo. Entre elas, a **globalização** foi uma das maiores forças de transformação da paisagem social moderna. A aproximação, ou o “**encurtamento das distâncias**”, transformou as relações humanas de várias formas.

Bauman cunha o termo “**modernidade líquida**” para tratar da fluidez das relações em nosso mundo contemporâneo. O conceito de modernidade líquida refere-se ao conjunto de relações e dinâmicas que se apresentam em nosso meio contemporâneo e que se diferenciam das que se estabeleceram no que Bauman chama de “modernidade sólida” pela sua fluidez e volatilidade. A ideia baseia-se na construção do **conceito sócio-histórico de modernidade**, que atravessa um enorme período da história humana e da mesma forma marca mudanças no pensamento e nas relações entre seres humanos e instituições sociais.

# Modernidade sólida

As mudanças que se iniciaram com o **renascimento**, quando os ideais racionalistas começavam a ganhar força diante do pensamento tradicional, ampliaram-se no decorrer do tempo, tornando-se ponto de ruptura com as formas anteriores de organização social. Diante disso, os paradigmas constituídos nos períodos **pré-modernos** lentamente se dissolveram e deram lugar a novas formas de manutenção do mundo social.

A religiosidade, por exemplo, deixou seu lugar de única provisora legítima de preceitos morais, responsáveis em grande parte pela mediação das ações dos sujeitos da época, e foi substituída pela formalização racional das leis civis e da ética. Esse mesmo processo de **racionalização** foi, em grande parte, responsável pela maioria das mudanças que se instauraram no período moderno.

Esse é o momento que Bauman se refere como “**modernidade sólida**”, pois ainda há fixidez nas relações sociais entre sujeitos e instituições sociais. A construção do sentimento de nacionalismo, por exemplo, é um dos pontos que Bauman diz servir como ponto de apoio da formação da identidade do sujeito na modernidade sólida.

Outra mudança profunda foi desempenhada pelo ideal do progresso baseado no pensamento racional e na ciência, que se tornaram motores dos avanços tecnológicos que se estabeleceram no período e que, por sua vez, mudaram toda a organização com a qual se relacionavam. O **trabalho**, por exemplo, que antes se baseava no **processo de aprendizagem por imitação ou tradição** passada de pais para filhos, agora se estabelecia de forma **especializada e formal** nas escolas técnicas em razão do **progressivo aumento da complexidade das tarefas laborais relativas às indústrias** e suas máquinas.



Esses exemplos servem para demonstrar que, enquanto os moldes tradicionais foram, sim, **desconstruídos**, eles foram também **reconstruídos** com outras configurações no momento inicial do período moderno, mantendo sua forma “sólida” e seu papel de ordenação do mundo social.

# Modernidade líquida

Quando se chega à modernidade líquida, **toda estrutura social montada em torno da relativa fixidez moderna dilui-se**. Para Bauman, as relações transformam-se, tornam-se **voláteis** na medida em que os parâmetros concretos de **“classificação” dissolvem-se**. Trata-se da **individualização** do mundo, em que o sujeito agora se encontra “livre”, em certos pontos, para ser o que conseguir ser mediante suas próprias forças. A liquidez a que Bauman se refere é justamente essa inconstância e incerteza que a falta de pontos de referência socialmente estabelecidos e generalizadores gera.

*São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de 'grupos de referência' predeterminados a uma outra de 'comparação universal', em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual (...) não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosa e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo.*

*(BAUMAN, 2001)*

O que acontece hoje é, então, uma repetição do que aconteceu antes na passagem do mundo pré-moderno para o moderno. O “derretimento” dos parâmetros sociais modernos é obra das mesmas forças de desconstrução dos paradigmas das sociedades tradicionais anteriores às sociedades modernas. Todavia, não há uma reconstrução de parâmetros “sólidos”. Estes permanecem em sua forma fluida, podendo tomar a forma que as forças sociais e individuais, em momentos específicos, determinarem.

Dessa forma, temos o sujeito líquido, aquele em que inúmeras identidades se manifestam em momentos diferentes. Um professor que se identifica como tal, por exemplo, agirá de uma forma diante da sua sala de aula e, em meio a uma torcida organizada de seu time, de outra forma. Os dois são parâmetros de identificação distintos, que muitas vezes podem ser conflitantes, mas que constituem a construção identitária de um mesmo sujeito.

# Introdução: Sociedade e Comunidade

Alguns autores distinguem ainda os grupos primários dos grupos secundários. Os grupos primários são compostos de um número de integrantes, de maneira que cada um dos membros possa ter uma percepção individualizada de cada um dos outros e que interações com cada um deles possam acontecer. Relações afetivas se estabelecem de maneira intensa entre os membros, seja de simpatia, seja de antipatia, e podem construir subgrupos de afinidades.

Há forte interdependência entre os integrantes e sentimentos de solidariedade que convivem com a constituição de normas, crenças, códigos e rituais próprios ao grupo. A família é o exemplo clássico de grupo primário.



Já os grupos secundários, também chamados de organizações, constituem um sistema social que funciona de acordo com instituições no interior de um segmento particular da realidade social. Como exemplos de grupos secundários, podemos mencionar empresas, fábricas, hospitais, escolas, partidos políticos, organizações não governamentais, clubes esportivos. Aqui as regras formais são muito mais importantes e as relações entre os membros são mais rígidas, frias, impessoais, racionais, contratuais e, segundo alguns, até burocráticas.



A classificação entre grupos primários e grupos secundários está na origem do debate sobre os conceitos de comunidade e sociedade, travado no início do século XX.

O sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1855 – 1936) foi quem introduziu estes conceitos de análise sociológica ao dedicar uma parte importante da sua obra para entender a diferença entre essas duas realidades distintas.

# Ferdinand Tönnies

Tönnies distingue a sociedade tradicional da sociedade moderna. Na primeira, prevalece a comunidade, que ele descreve como um agrupamento natural, fechado e com forte conotação emocional, apoiado por laços objetivos (família, etnia, religião, pertencimento a um vilarejo, tradições, língua, mesmas referências históricas...).

Na segunda, prevalece a sociedade, que consiste num grupo que caracteriza pelo consentimento e adesão voluntária, numa lógica utilitarista. De um ponto de vista sociológico, esta distinção reflete o contraste, evidente nos países já industrialmente desenvolvidos no início do século XX, entre a vida camponesa tradicional e comunitária e a vida moderna urbana e impessoal.

# Georg Simmel

O também alemão Georg Simmel (1858 – 1918), que deixou uma obra sociológica imensa e variada, concorda com o ponto de vista de Tönnies quando este atribui características impessoais para a vida urbana. Simmel chama a atenção para os efeitos que a intensificação dos estímulos nervosos provocam no morador das grandes metrópoles, que desenvolve a atitude *blasée*, característica de quem não se espanta mais diante de nenhuma novidade, para quem tudo parece normal e conhecido, o que para ele não passa de uma espécie de defesa contra o ritmo frenético das grandes cidades.

# Max Weber

Max Weber, por sua vez, retomou o título do livro de Tönnies para sua grande obra, *Comunidade e Sociedade* (1887), publicada mais de três décadas depois. Faz-se necessário ressaltar, contudo, que se para Tönnies os termos comunidade e sociedade se referem a dois tipos de sociedade que se sucedem historicamente (sociedade tradicional e sociedade moderna), Weber prefere associá-los a duas lógicas explicativas das relações sociais que existem simultaneamente em todas as épocas.

Assim, a comunitarização é uma relação social construída sobre um sentimento de pertencimento, tal como a família ou a nação. Já a societização pode ser explicada por um acordo deliberado e racional a respeito de interesses individuais, como por exemplo as trocas mercantis e associações comerciais.